

Dossiê

Nos passos de Gioconda Mussolini, a construção de uma etnografia sobre invisibilidades e mulheres pescadoras

Rose Mary Gerber¹

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

RESUMO: Neste artigo, meu propósito é refletir sobre o processo de criação de meu próprio campo de pesquisa, em que busquei investigar a invisibilidade de mulheres pescadoras. Inspirei-me em Gioconda Mussolini, que permaneceu invisível por muito tempo, porém que é de forma inegável a precursora dos estudos sobre pesca no Brasil. Gioconda Mussolini me inspira duplamente, pela própria invisibilidade na qual permaneceu e que veio à tona com a pesquisa de Ciacchi e pela forma como deixou-nos uma pioneira etnografia sobre a pesca.

PALAVRAS-CHAVE: Gioconda Mussolini, etnografia, pesca, pescadoras, invisibilidade.

Gioconda Mussolini como precursora dos estudos sobre pesca no Brasil

A antropologia feita em casa implica maior reflexividade: tornamo-nos mais conscientes tanto de nós como objetos de estudo quanto de nós realizando o estudo (Strathern, 2014: 135). Impregnada desta assertiva, entendo que Andrea Ciacchi (2007) se viu diante de um desafio em sua empreitada, haja vista que exercitou de forma profunda em seu trabalho de pesquisa o que é preconizado por Strathern (2014), dedicando-se a um capítulo singular da trajetória da antropologia no Brasil que diz respeito aos estudos sobre pesca, mas também a

uma antropóloga cuja contribuição para os estudos de pesca é inegável: Gioconda Mussolini.

Ao empreender a revisão bibliográfica por ocasião de meu doutoramento (Gerber, 2013) sobre mulheres pescadoras embarcadas em Santa Catarina, Sul do Brasil, descobri o trabalho de Ciacchi (2007) que, por sua vez, havia descoberto Gioconda Mussolini. Nada de especial até então: em um exercício comum na academia, para mostrarmos o que estamos fazendo e quem somos, acorremos às descobertas que fazemos no percurso de nossas pesquisas que aliam momentos em campo e momentos em gabinete, sendo ambos inescapáveis no processo de construção de nossas etnografias. No entanto, descobrir Ciacchi (2007) foi mais que isso; por meio deste pesquisador vim a saber que, os estudos de pesca no Brasil contavam com a mulher como precursora: Gioconda Mussolini, da Universidade de São Paulo.

Por meio de Ciacchi (2007) viemos a saber que Gioconda Mussolini ocupou a Cadeira de Antropologia da USP “onde lecionou de 1944 a 1969”. Embora tivesse trabalhado durante os referidos anos, a professora nunca concluiu sua tese de doutoramento, à qual Ciacchi se refere como “inconclusa e desaparecida tese de doutorado”. Simultaneamente, Ciacchi afirma que seria uma peça importante para dar sentido à importante produção teórica de Gioconda Mussolini (Ciacchi, 2007: 182).

Ciacchi (2007), ao abordar a trajetória de Mussolini, aponta-a como autora das primeiras pesquisas na área de pesca no Brasil a partir de dois trabalhos sobre a pesca de cerco na região de Santos, litoral de São Paulo, que foram publicados postumamente.

O foco principal do trabalho é constituído pela descrição pormenorizada da técnica do “cerco” [...]. Trata-se, em absoluto, da primeira descrição dessa técnica, no Brasil, além de permitir efetivamente que o leitor visualize com precisão os movimentos das canoas, os lanços das redes de tresmalho, as batidas dos remos para assustar os peixes, o recolher das redes e até a partilha do pescado (Ciacchi, 2007: 191).

Ciacchi (2007) afirma, portanto, que se trata da fundadora do que considera que poderia ser definido como o subcampo dos estudos de socioantropologia marítima e da pesca brasileira, dada a inexistência de outros estudos até aquele momento. Gioconda Mussolini, de fato, enfatiza Ciacchi, produziu os primeiros trabalhos na área, começando a construção de um objeto de pesquisa, construção esta pautada pelo pioneirismo e pela originalidade, conforme a constatação feita no percurso de sua investigação.

A originalidade e o pioneirismo desses dois estudos revelam-se, entre outros aspectos, pela modestíssima presença de remissões bibliográficas: no primeiro artigo, apenas a tese inédita de Maria Conceição Vicente de Carvalho, *Santos e a geografia humana do litoral paulista*, (aliás, a primeira tese em geografia no Brasil, orientada pelo também professor de Gioconda na FFCL, Pierre Monbeig), e, no segundo, apenas o *Anuário da pesca marítima no estado de São Paulo* (1945). Em outras palavras, trata-se de pesquisas inéditas, sobre temas novos, e cujas fontes foram quase exclusivamente etnográficas (Ciacchi, 2007: 193).

É interessante lembrarmos que Firth (1968 [1946]) já chamava a atenção para o fato de que a atividade pesqueira, em comparação com a agricultura, sofreu com a negligência tanto por parte de cientistas quanto de governos. Tal constatação corrobora com o que ainda observamos no território brasileiro. Gioconda Mussolini, em seus primeiros escritos, se pautou pela etnografia a partir da descrição do cerco da pesca da tainha, deixando-nos subsídios com detalhes sobre a relação entre os pescadores, além de pistas sobre as especificidades de apetrechos de pesca e embarcações, entre outros fatores. A autora traz ainda questões de cunho hermenêutico, teórico e metodológico, que viriam a contribuir com estudos posteriores de alunos da USP e de pesquisadores e pesquisadoras que se propõe a continuar estudos sobre pescas e pescadores no litoral brasileiro. Ciacchi (2007) elucida isso a partir de excertos selecionados:

Muitas vezes uma canoa penetra dentro do círculo, a fazer barulho sobre os bordos com os remos para “assustar o peixe”. A vibração dos remos na canoa produz um barulho surdo, característico, que fica nos ouvidos da gente, mesmo depois que acaba a estação (Mussolini, apud Ciacchi, 2007: 191)

Numa análise sincrônica da pesca, poderíamos aproveitar a sugestão oferecida pelos próprios barcos em seu deslocamento e, estrategicamente, nos situar ora num ora noutro extremo das suas rotas. Abrangeríamos, assim, *toda a trama* que envolve os grandes mercados de pesca e as pequenas comunidades pesqueiras numa *relação complementar* necessária, ainda que mutável. (Ênfases originais, Mussolini, apud Ciacchi, 2007: 211).

O que teria instigado Gioconda Mussolini a se voltar ao mundo da pesca quando, com certeza, naquelas décadas, era visto como um espaço exclusivamente masculino? Que curiosidade etnográfica despertou na professora um olhar atento e ouvidos aguçados sobre um tipo peculiar de pesca que implica, por sua vez, relações, deslocamentos, mutabilidades e formas de ser e estar no mundo? E porque a academia não deu visibilidade aos estudos até então feitos quando, de forma súbita, Gioconda Mussolini veio a falecer? Por que uma área se torna cara e outras ficam às margens da trajetória de construção da

antropologia, no caso ao qual me detenho, a brasileira? Essas são questões para as quais não pretendo apresentar respostas, mas apontá-las como uma ponderação de que os estudos de pesca ainda continuam como um campo em expansão, cuja diversidade faz jus ao vasto litoral que temos, a ser mais bem estudado em nosso país.

Sobre o que entendo ser uma lacuna da memória da antropologia brasileira, a qual tem muito ainda a ser investigado, ao se aprofundar no estudo da trajetória de Gioconda Mussolini, Ciacchi (2007) tece uma crítica contundente acerca da invisibilidade da professora. Simultaneamente, o autor identifica muitos trabalhos subsequentes que tiveram grande aceitação, tanto na academia quanto fora, e que são tributários dos trabalhos desta pesquisadora brasileira.

Não será inócuo localizar, em muitos trabalhos e trajetórias sucessivos à morte de Gioconda, um rastro importante da perspectiva a que estava chegando a nossa autora. Penso, para um programa mínimo e inicial de pesquisa, na dissertação de mestrado em sociologia defendida por Antonio Carlos Diegues na USP, em 1973, com a orientação de Fernando Mourão, aluno, por sua vez, de Gioconda Mussolini. O trabalho *Pesca e marginalização no litoral paulista*, é certamente devedor dessa renovada perspectiva epistemológica inaugurada por Gioconda. Perspectiva que encontrará talvez a sua realização mais completa na tese de doutorado em sociologia (1980), ainda orientada por Mourão, do mesmo Diegues. Intitulada *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*, e publicada numa coleção muito difundida em âmbito acadêmico, ela marca a retomada de uma tradição interrompida pela morte da professora paulistana e que daria frutos que ainda estão em plena fase de desenvolvimento nos dias de hoje (Ciacchi, 2007: 215-16).

Ciacchi (2007) não só localiza a professora Gioconda Mussolini como a grande precursora dos estudos sobre pesca no Brasil, como aponta nos trabalhos de Diegues, uma continuação da proposta que a então professora da USP vinha construindo, e que fora interrompida por sua morte súbita. Seguindo neste caminho, a pesquisa bibliográfica que realizei por ocasião de minha pesquisa percorrendo o litoral catarinense me leva a concordar com o autor no que diz respeito ao fato de que nos trabalhos de Diegues (1979; 1983; 1995; 1998) não se localize com destaque qualquer diálogo mais aproximado ou alusão maior a Gioconda Mussolini, exceção para um artigo de 1999 em que o autor reconhece sua importância fundadora nos estudos sobre pesca no Brasil.

Até a década de 60, o número de estudos e publicações sobre comunidades de pescadores brasileiros foi relativamente reduzido. No entanto, é preciso destacar os trabalhos dos antropólogos Pierson e Teixeira (1947), *Survey de Icapara, uma vila de pescadores do Litoral Sul de São Paulo*, e de Gioconda Mussolini,

O cerco da tainha na ilha de São Sebastião como centro de difusão no Brasil (1946). A contribuição etnográfica de Mussolini foi importante para o entendimento das relações entre as comunidades caiçaras (oriundas da miscigenação entre o colonizador português, o índio e o negro), o mar, os estuários e a Mata Atlântica. Ela analisou também o processo de disseminação, entre os caiçaras, do cerco flutuante, aparelho de pesca introduzido pelos migrantes japoneses (Diegues, 1999: 363).

O que fica claro na leitura do texto de Ciacchi (2007), bem como nos trabalhos de pesquisadores que se voltaram, em algum momento, para o tema da pesca no Brasil (Laraia, 1994; Maldonado, 1994; Diegues, 1999; Motta-Maués, 1999), é a unanimidade do nome da professora Gioconda Mussolini como a grande pioneira de estudos sobre pesca que, conforme afirma Ciacchi (2007), estão ainda em pleno desenvolvimento e sobre os quais há ainda muito a ser inventariado.

Eu descubro as pescadoras embarcadas

Ao compor meu trabalho de campo busquei exercitá-lo de forma extenuante e profunda entendendo que “o momento etnográfico seja um momento de imersão [...] uma atividade totalizante que não é a única em que a pessoa está envolvida” (Strathern, 2014: 345). Alie-se a isso a convicção de que a escrita posterior ao campo é tão desafiadora quanto o próprio estar em campo, pois é nela que deixaremos as impressões, as descobertas e as narrativas que dão vida às nossas etnografias. Assim, ao vivenciar o campo, guiei-me por questões que diziam respeito à existência de pescadoras embarcadas (Existiam? Quantas? Onde? Com quem tinham aprendido a atividade?) a partir de onde me desloquei em idas e vindas, e novas idas, pelo litoral de Santa Catarina.

Como resultado, esta imersão me trouxe como diferencial em relação aos estudos sobre pesca aos quais tive acesso, a existência de mulheres trabalhando embarcadas na denominada pesca artesanal catarinense. Ou seja, na pesca simples (Diegues, 1983; Maldonado, 1994). Trata-se de dados do que considero ser uma contribuição interessante não só para a trajetória dos estudos sobre pesca na antropologia brasileira, mas centralmente como subsídios que poderão contribuir para respaldar a formulação de políticas públicas voltadas às mulheres pescadoras. Pescadoras estas que se deparam com um Estado, uma academia, uma sociedade que coloca em dúvida sua existência como profissionais da pesca pelo fato único de serem mulheres.

Ao construir uma etnografia com mulheres pescadoras, pude desconstruir a pesca como espaço exclusivamente masculino. Ou seja, a imersão em campo produziu um efeito semelhante ao que afirma Maluf (2011) ao discorrer sobre uma antropologia reversa, sobre ser o campo o que desconstrói nossos pressupostos iniciais.

É o campo e o trabalho etnográfico que legitimam as novas questões trazidas pela antropologia, que calibram as possíveis transformações no interior da disciplina e que autorizam os diálogos possíveis com conceitos e teorias advindos de outras áreas. Assim, teoria e conhecimento antropológicos estão no crivo de sua interminável desconstrução pelo campo, ou seja, pelo mundo dos outros (Maluf, 2011: 43).

Seguindo Maluf (2011), reafirmo o entendimento do campo e do trabalho etnográfico como legitimadores de novas questões trazidas pela antropologia, o que me parece remeter diretamente à importância de Gioconda Mussolini como precursora dos estudos sobre pesca a partir do campo que pioneiramente investigou. Neste aspecto, se acompanharmos o raciocínio de Strathern (2014) e entendermos que o momento etnográfico é uma relação, quando Ciacchi (2007) empreende uma pesquisa sobre Gioconda Mussolini estabelece aí uma relação densa haja vista que o momento etnográfico é imbuído como “um momento de conhecimento ou de discernimento, [que] denota uma relação entre a imersão e o movimento” (Strathern, 2014: 350).

Considero, desta forma, que Ciacchi (2007) descobriu muito mais do que poderia supor entendendo que não saber o que se vai descobrir revela o grande desafio de um trabalho de campo. “Não saber o que se vai descobrir é, evidentemente, uma verdade da descoberta. Mas tampouco se sabe o que em retrospecto vai se mostrar significativo pelo fato de que a significância é adquirida na escrita posterior, na composição da etnografia como uma descrição feita depois do evento” (Strathern, 2014: 353). A significância desta imersão profunda na trajetória de Gioconda Mussolini diz respeito à própria memória da antropologia no Brasil, que oscila, como sugere Bachelard (1994), entre repousos e lacunas, movimento e ondulação e que, em relação à Gioconda Mussolini, finalmente vem à tona.

A constatação de poucas referências nos estudos de Gioconda Mussolini me parece ser prova cabal de que ela iniciou a construção do que até então não se constituía como um campo de pesquisa. Foi ela, portanto, que deu início a este processo e o fez pelo trabalho etnográfico materializado na descrição que nos deixou sobre a pesca de cerco, sobre as batidas nas embarcações, sobre os deslocamentos de peixes e pescadores. Ou seja, foi sua imersão em campo, o atentar de seus ouvidos para os toques nas embarcações e a

capacidade de descrevê-los de forma tão fidedigna que fez com que nos deixasse um material etnográfico rico que compõe, de forma especial, a memória da antropologia realizada na USP.

Durand (2002, p.401) afirma que “a memória permite um desdobramento dos instantes e um desdobramento do presente”. Descobrir Gioconda Mussolini me permitiu um desdobramento; estar atenta às observações em campo. Nos instantes em que ecoavam em meus ouvidos as batidas na embarcação para assustar os peixes, simultaneamente ecoavam as descrições pormenorizadas que a professora tinha registrado quando ainda não havia registros destes momentos etnográficos, as quais ela sutilmente se deu em conta, deu início e deixou-nos como legado de uma forma de fazer antropologia.

Gioconda Mussolini como inspiração

Ao revisitar etnografias clássicas e mais recentes sobre pesca em um olhar permeado de um distanciamento espaço-temporal, me instigou ponderar que haveria muito a ser dito no sentido de repensarmos os espaços de pesca como predominantemente, mas não exclusivamente, masculinos. Ao apresentar uma análise sobre a produção acadêmica na área da pesca, Motta-Maués (1999) afirma que, em relação às comunidades pesqueiras, “a questão da mulher e das relações de gênero, com raríssimas exceções, não tem sido contemplada como tema de estudo na produção acadêmica brasileira [...]” (Motta-Maués, 1999: 381). Há aí, a meu ver, pistas sobre o que a autora denominou de um estrabismo daqueles que estudaram comunidades pesqueiras e não “viram” as mulheres (Motta-Maués, 1999: 389).

Motta-Maués (1999, p.382) fala em um jogo de invisibilidades, ao qual se refere como sendo “dos homens pescadores, das mulheres em comunidades de pesca”. Segundo ela, em relação aos pescadores, haveria uma invisibilidade que se dá de fora para dentro, no nível mais formal e público do Estado, por exemplo. Quanto às mulheres, haveria uma dupla invisibilidade, “desde dentro, no nível interno da hierarquia entre os gêneros, mas se dá também de fora para dentro, atingindo as mulheres em consonância, ou em relação de homologia com a distinção hierárquica interna que sobrepõe os homens às mulheres” (Motta-Maués, 1999: 382).

A autora sinaliza que, diferente do discurso oficial que invisibiliza “o” pescador, de forma geral, quando se trata de reconhecimento e políticas públicas, por exemplo, o discurso acadêmico seguiria um percurso diferente no qual a visibilidade do homem

pescador é a regra (Motta-Maués, 1999: 383). Neste sentido, os pesquisadores fixariam seu olhar e privilegiariam os homens como seus interlocutores quando realizam pesquisas em contextos onde a pesca é a atividade central. Ou seja, enquanto o discurso oficial não enxerga o pescador, no meio acadêmico a visibilidade seria apenas dele.

Há, portanto, um ponto em comum quando falamos de invisibilidades de populações pesqueiras: o discurso oficial e o discurso acadêmico raramente observam a presença de mulheres nos espaços de pesca. Mesmo as pesquisadoras que se dedicaram a estudar, ou que em algum momento de seus trabalhos se referenciaram às relações de gênero em comunidades pesqueiras (Woortmann, 2007; Motta-Maués, 1977, 1993; Gerber, 1997, 2007; Maluf, 1989, 1993) não se detiveram em seus estudos sobre o espaço privilegiado das mulheres – não na condição de “mulheres das comunidades pesqueiras” ou “mulheres de pescadores”, mas efetivamente como pescadoras. Entendo que este raciocínio também vale para pensarmos um pouco sobre o porquê Gioconda Mussolini ficou tanto tempo invisível como nome referência sobre os estudos de pesca brasileiros. Estaria a academia reproduzindo o estrabismo ao qual se refere Motta-Maués (1999)? Ou seja, por ser uma pesquisadora mulher não teria sido vista como pioneira em um campo visto como eminentemente masculino?

Avançando um pouco sobre o que busquei como contribuição de minha pesquisa tendo como inspiração Gioconda Mussolini, gostaria de me remeter a Rosaldo (1995) que é enfática quando afirma que “a descoberta feminista das mulheres começou a nos sensibilizar para as formas nas quais o gênero penetra a vida e a experiência social” (Rosaldo, 1995: 13). Os estudos sobre mulheres em comunidades pesqueiras aumentaram desde as primeiras pesquisas realizadas no Brasil, não há dúvida. Porém, considero que há uma lacuna no que se refere aos estudos que apresentem de forma mais específica, explícita e central peculiaridades em relação a como as mulheres vêm se constituindo como pescadoras.

Esse é, acredito, o aporte que a pesquisa que empreendi traz aos estudos antropológicos sobre pesca no Brasil. Penso se tratar de uma contribuição para uma antropologia que, parafraseando Maluf (2011), “não é nem a dos ameríndios, nem a dos melanésios, nem a desses ‘outros’ sujeitos clássicos dos estudos antropológicos” (Maluf, 2011: 43). No caso, não se tratam de mulheres de pescadores, nem mulheres nas comunidades pesqueiras, mas delas próprias: mulheres pescadoras.

Não há aí implícito nenhum jogo de palavras ou de retórica. O campo/mar me trouxe a relação com mulheres que exercem a atividade da pesca, tratando-se, portanto, de

pescadoras. Se, ao fazermos antropologia, também inventamos formas de fazer antropologias e, portanto, inventamos a própria antropologia (Wagner, 2010[1975]), reside aí uma proposta de reinvenção nos estudos sobre pesca no Brasil. Tal proposta diz respeito a contribuir com a quebra de uma espécie de ruído nos ouvidos de antropólogos e antropólogas que dificulta a escuta do feminino no campo da pesca: pescadora.

Esta reinvenção é central, pois mergulhar em campo é um exercício complexo e que nos surpreende, nos instiga e desafia no sentido de que nem sempre nos damos conta do que vimos – ou não vimos em campo. Gioconda Mussolini se tornou inspiradora para meu próprio trabalho de campo.

Foi a partir daí que me propus a construir uma etnografia na qual me dediquei a ouvir as pescadoras embarcadas na pesca artesanal catarinense. Aliado a muitas outras inquietações, foi também o que eu denominaria de invisibilidade de Gioconda Mussolini como figura central fundadora de uma área de estudo na antropologia, que ainda tem muito que avançar, o que contribuiu para aguçar meus questionamentos sobre mulheres e suas invisibilidades na pesca, mas também no meio acadêmico.

Invisibilidades

Retomando o que dizia Roque de Barros Laraia na apresentação da obra de Maldonado (1994: 9), a pesca continua um segmento que “não mereceu a mesma atenção”. Uma hipótese talvez seja que os pescadores não são indígenas, temática fundadora e central na disciplina, mas também não são totalmente urbanos para serem inseridos em um ou outro grupo. Podemos afirmar que a antropologia, e não apenas a sociedade de forma ampla ou os órgãos públicos, ainda não reconhece a pesca, os pescadores e as pescadoras como uma temática que se faz interessante. Assim, a pesca – pensada de forma ampla – continua, parece-me, às margens.

Ao percorrer os trabalhos aos quais tive acesso, procurei seguir os postulados do que Maluf denomina de uma leitura a contrapelo (Maluf, 2012), exercício por meio do qual foi possível encontrar indícios, pistas e evidências sobre a presença de mulheres no que os autores se referiam como comunidades pesqueiras. Duas questões centrais me instigavam: (1) diferente do que vi em campo, nos contextos apresentados pelos autores e autoras as mulheres não teriam qualquer acesso aos espaços da pesca; (2) se, de alguma forma, elas, como não compunham o objeto de estudo nos espaços etnografados, não foram vistas. Portanto, embora a presença das mulheres não fosse explícita nesses escritos, elas

poderiam – e de fato encontrei em muitos textos – estar, de forma sutilizada, indicando sinais de sua presença na ausência com a qual eu me deparava.

Não procurei, nesta leitura a contrapelo, encontrar uma unidade no trabalho de mulheres na pesca, mas seguir o que elas me trariam da forma como se apresentassem. Aliando os pressupostos de Bachelard (2008) quando discorre sobre a formação do espírito científico ao que afirma Menezes Bastos (2010) sobre existir muitas formas de fazer antropologias – no plural –, a inspiração a partir da trajetória de Gioconda Mussolini, me parece, contribui para desconstruir uma Antropologia, com “A” maiúsculo, pois muitas são as possibilidades de compor as antropologias no Brasil. O que a trajetória de Gioconda Mussolini inspira diz respeito a considerarmos que faz parte do exercício destas muitas antropologias uma referência à memória de quem teve o pioneirismo deste fazer. Gioconda Mussolini faz parte de uma forma de fazer antropologia no contexto pioneiro da antropologia na USP e deixou-nos como inspiração o exercício etnográfico a partir da imersão em espaços pesqueiros.

O fazer etnográfico, desta forma, diz respeito ao campo que construímos, seja o campo um grupo de pessoas, uma aldeia distante, um bar na periferia, um laboratório, uma pessoa em específico, e que está permeado por afetações (Favret-Saada, 2005) que movem nossas experiências a partir do momento em que nele mergulhamos por uma paixão inicial que nos foi despertada. Como resultado, temos elementos a serem re-significados, por exemplo, sobre o que olhar, refletir, escrever, rever, seguindo os postulados de Cardoso de Oliveira (2006), aliado a um contínuo e constante repensar sobre o que fazemos ao buscar compor nossos objetos/sujeitos de pesquisa. Ser afetado, neste caso, contribui para repensar-nos em campo considerando que também implica escolhas que vão determinar nossos instrumentais em relação a com quem, por que e como vamos trabalhar e até onde estamos preparados e dispostos a nos envolver com o outro em um exercício exaustivo que, preconiza Mauss (1993: 23), não se pode ou deve “negligenciar nenhum pormenor”.

O pormenor de se deixar afetar tem implicações que repercutem nas formas que escolhemos para compor nossas etnografias. Implica repensar o lugar do antropólogo, da antropóloga contemporaneamente como um *eu* que busca compreender *outros* em um exercício constante de *refazer sem destruir*, conforme Derrida e Roudinesco (2004: 11) em que as obras falam “a partir do interior de si próprias, através de suas falhas, seus brancos, suas margens, suas contradições”, entendendo que é pelas nossas trajetórias e pelos nossos textos que estamos constituindo a antropologia.

Somos nós, antropólogos e antropólogas, fazedores solitários. “O pintor não pinta sobre uma tela virgem, nem o escritor escreve sobre uma página branca, mas a página ou a tela estão já de tal maneira cobertas de clichês [...] que é preciso limpar, laminar, mesmo estraçalhar” (Deleuze e Guattari, 2009: 262). Assim, após viajar e buscar inspiração nos *outros*, fazemos a viagem para dentro e ali produzimos nossos escritos, que estão conectados e em diálogo com nossos pares, mas que são produções solitárias.

Neste percurso de me afetar com as pescadoras e me afetar com Gioconda Mussolini, me vêm com veemência algumas questões: a antropologia “faz o que? Quem ali é produzido? Qual o agente e o paciente, a antropologia e/ou o antropólogo? Quem ali é produzido?” (Menezes Bastos, 2010). Tais questões dizem respeito a quem faz e quem é feito, e me instigam a pensar, refletir sobre a antropologia que fazemos, de perto, de dentro, e não uma antropologia, genérica, fora, longe. É a antropologia que faço e, por sua vez, é também a que me faz.

Por outro lado, pensar antropologias no plural se faz muito interessante, pois implica ampliar o que seria em princípio uno e considerar outras possibilidades. Cabe, no entanto, lembrar a fala de Peirano (1995: 13) em relação à pluralidade no sentido de que, se por um lado é positiva, por outro corre o risco de, “não respeitado o equilíbrio sutil entre teoria e pesquisa, resvalar para uma situação na qual existam tantas antropologias quanto antropólogos”. Não é o caso apontado por Menezes Bastos (s/d). Não é apenas usar o plural para considerar outras possibilidades, mas para qualificar o fazer antropológico como um fazer múltiplo, diverso, que preconiza fazeres respaldados pela teoria, e teoria que se alimenta da pesquisa, uma marca da disciplina. Neste aspecto, afirma Menezes Bastos (s/d), “a antropologia é uma ciência plural, no tempo e no espaço [...] antropologias no plural. Tomo essa pluralidade [...] como uma primeira grande marca da antropologia [...]”.

Pensar a antropologia aponta ainda para o que Menezes Bastos (s/d) chama de as “relações entre a etnografia, a teoria antropológica e a história da disciplina” sendo que aqui o autor usa o termo musicológico *contraponto*. Usar o termo *contraponto* leva a considerar que “a etnografia, a teoria antropológica e a história da disciplina constituem vozes da antropologia, vozes que, de um lado, tem um alto grau de interdependência e, de outro, de contraste, essas duas características sendo marcadas pela ideia geral de articulação” Menezes Bastos (s/d). O contraponto está ligado à polifonia o que, mais uma vez, reforça o postulado de ser a antropologia uma ciência plural que implica e é implicada pela pluralidade, que busca em muitas vozes a composição de seus saberes e fazeres

(DeCerteau, 1996). Saberes-fazer que, me parecem, estão ligados diretamente ao olhar, ouvir, escrever (Cardoso de Oliveira, 2006) com os sentidos instigados para a observação de sutilezas que exigem tempo e disposição para serem captadas. Wolf (2003) afirma: “entendo a antropologia como um empreendimento cumulativo, bem como uma busca coletiva que avança em círculos em expansão, em uma busca que depende das contribuições de cada um de nós e pelas quais somos todos responsáveis” (Wolf, 2003: 340).

A antropologia implica aí outra qualidade, a de estar em contínuos questionamentos e colocando sempre em dúvida o que até então se afirmou. É nas experiências e nos aprendizados que se dá o seu salto qualitativo. Bachelard (2008: 17) diz que “ao retomar um passado cheio de erros, encontra-se a verdade num autêntico arrependimento intelectual. No fundo, o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos [...]”. É possível um movimento circular expansivo, porém, acredito, (des)contínuo, em que avançamos e voltamos contribuindo para que se enxergue o até então não visto como o exemplo de Gioconda Mussolini na trajetória dos estudos sobre pesca no Brasil. No que concerne aos próprios estudos, ponderar que há sim, em alguns contextos de pesca, mulheres pescadoras. Não há, portanto, uma só linha, há linhas em paralelo a ser consideradas quando pensamos, a partir de Bachelard (1994), sobre a *composição temporal* que faz parte da *duração* do fazer antropologias, mas também do próprio percurso da memória da antropologia que se faz no Brasil.

Ao me debruçar em uma tese sobre invisibilidade de mulheres pescadoras, como sujeitos de direito, me deparei com uma forma de invisibilidade também no meio acadêmico da antropologia brasileira em que uma professora, que deixou um legado pioneiro para os estudos sobre pesca no Brasil, “desaparece” por muito tempo até Ciacchi (2007) resgatá-la. É neste sentido que entendo, considerando o pioneirismo de Gioconda Mussolini para os estudos sobre pesca no Brasil, bem como a sua inegável e efetiva contribuição na construção da trajetória da antropologia brasileira atuando na USP, que seria inovador que o Ppgas/USP ponderasse sobre a possibilidade de lhe conceder o título póstumo de Doutora em Antropologia. Embora póstumo, seria uma maneira de visibilizar que há muitas formas de fazer as antropologias que compõem a antropologia no Brasil.

Considerações Finais

Bachelard (2008), ao discutir o que definiu como obstáculos epistemológicos, afirma que precisamos estar atentos ao processo de construção do conhecimento científico durante o qual emergem contradições, erros e insuficiências. Segundo ele, é central buscar formular bem os problemas e conviver com uma constante reformulação de perguntas, pois tudo é construído e reconstruído continuamente. “Todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído” (Bachelard, 2008: 18). Construir o campo de estudos sobre pesca no Brasil passa, a meu ver, pelo reconhecimento da professora Gioconda Mussolini como precursora.

A contemporaneidade de Gioconda Mussolini está em trazer, por exemplo, na descrição minuciosa das batidas do remo na embarcação para espantar o peixe um modo de fazer etnografia, de estar imersa em campo – que, neste caso é mar – de forma intensiva e repetitiva. Sua construção etnográfica pioneira nos dá pistas de que vivenciou por meio de observações e convivência muito próxima o mundo da pesca. Tal implicação diz respeito a exercícios constantes de paciência, que se compõem de esperar e acompanhar, observar e participar, e esperar e esperar, que fazem parte do mundo da pesca, mas também do mundo da antropologia, que se pauta pela etnografia como exercício inescapável.

Esta é a alma do fazer etnográfico. Entendo que a etnografia é, portanto, a repetição da experiência que ganha densidade à medida que temos condição de observar se um fato é extraordinário ou ordinário (Gerber, 2013: 41). A contribuição de Gioconda Mussolini, observando o cotidiano ordinário da pesca no litoral paulista, foi um fato extraordinário para a trajetória dos estudos sobre pesca, pescadores e pescadoras no Brasil. Por certo, Ciacchi tem mais a nos dizer sobre novos desdobramentos sobre a trajetória e a contribuição de Gioconda Mussolini como uma antropóloga pioneira que teve seu olhar e sentidos instigados pela pesca como foco etnográfico.

Calavia Saez (2009: 14-15) sugere que a antropologia tem como objetivo descobrir ou inventar objetos: “Descobrir porque o objeto, em certo sentido, já está ali, em forma de algo que atrai a atenção do pesquisador”. Entendo como central para levarmos a cabo nossas etnografias uma escuta disponível, o que remete ao que Bourdieu (2003), definiu como “uma escuta ativa e metódica [...]. Efetivamente, ela associa a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular [...]”

(Bourdieu, 2003: 695). Ou seja, uma escuta focada totalmente na atenção à narrativa do outro buscando, “além de olhar, ver; além de ouvir, escutar; além dos fatos, sentido” (Maluf, 1999: 70). Assim, entendo que nos é possível mergulhar em etnografias densas que nos trarão novas descobertas. Ao descobrir Gioconda Mussolini como seu objeto/sujeito de pesquisa, Ciacchi (2007) faz emergir o legado de uma pesquisadora que deixou como inspiração a etnografia que construiu junto a pescadores e que contribui, na contemporaneidade, com aspectos que dizem respeito ao mundo da pesca, mas também às antropologias que vem construindo a antropologia no Brasil em que alguns objetos/sujeitos continuam ainda, de certa forma, mais invisíveis.

¹ Doutora em Antropologia pelo Ppgas/UFSC (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/ Universidade Federal de Santa Catarina cuja tese, “Mulheres e o Mar, uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil” recebeu a Menção Honrosa no Prêmio Capes de Tese 2013. Atua na Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina).

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston

1994 *A dialética da duração*. 2ª ed. São Paulo, Ática.

2008 *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro, Contraponto.

BOURDIEU, Pierre

2003 *A miséria do mundo*. 5ed. Petrópolis, Vozes.

CALÁVIA SAEZ, Oscar

2009 “Por uma antropologia minimalista”. In *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis, Ppgas/UFSC.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto

2006 *O trabalho do antropólogo*. São Paulo/Brasília, Unesp/Paralelo 15.

1995 *O lugar (e em lugar) do método*. Brasília, Série Antropologia 190, UnB.

CIACCHI, Andrea

2007 “Gioconda Mussolini: uma travessia bibliográfica”. *Revista de Antropologia*, 50 (1): 181-223.

DECERTEAU, Michel

2008 *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

1996 *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ, Vozes.

DELEUZE, Gilles e GATTARI, Félix

2009 *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro, Ed. 34.

DERRIDA, Jacques e ROUDINESCO, Elisabeth

2004 *De que amanhã: diálogo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

DIEGUES, Antonio Carlos

1979 *Pescadores, sítiantes e trabalhadores do mar*. São Paulo, tese, USP.

1983 *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo, Ática.

1995 *Povos e mares*. São Paulo, Napaub.

1998 *Ilhas e mares. Simbolismo e imaginário*. São Paulo, Hucitec.

1999 "A sócio-anthropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil".

Revista Etnográfica, Vol. III (2): 361-375.

DURAND, Gilbert

2002 *As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral*. São Paulo, Martins Fontes.

FAVRET-SAADA, Jeanne

2005 "Ser afetada". Tradução de Paula Serqueira, revisão de Tânia S. Lima. *Cadernos de Campo*, n. 13: 155-161.

FIRTH, Raymond

2002[1946] "Fishing economy and malay rural society". In *Malay fishermen*, Oxon, Routledge.

GERBER, Rose M.

1997 *Estranhos e estrangeiros*. Florianópolis, dissertação, UFSC.

2007 *Nem santos nem bárbaros*. Florianópolis, Epagri.

2013 *Mulheres e o Mar. Uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil*. Florianópolis, tese, UFSC.

LARAIA, Roque de Barros

1994 "Apresentação". In MALDONADO, Simone. *Mestres e Mares. Espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo, Annablume.

MALDONADO, Simone

1994 *Mestres e Mares. Espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo, Annablume.

MALUF, Sônia Weidner

1989 *Encontros perigosos: análise antropológica sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Florianópolis, dissertação, UFSC.

1993 *Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos.

1999 “Antropologia, narrativas e a busca do sentido”. *Horizontes Antropológicos*, v.5, n.12: 69-82.

2010 “A escritura do texto: diálogos, riscos e afetações”. In *Jornadas Antropológicas*.

2011 “A antropologia reversa e ‘nós’: alteridade e diferença”. *Ilha*, vol. 12, n. 1: 40-56.

2012 (Texto em elaboração) “Eficácia simbólica: dilemas teóricos e desafios etnográficos”.

MAUSS, Marcel

1993[1947] *Manual de etnografia*. Lisboa, Dom Quixote.

MENEZES BASTOS, Rafael José de

s/d “Antropologia é aquilo que o antropólogo faz. Antropologia? Antropologias” [Texto em construção].

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica

1977 *Trabalhadeiras e Camarados: um estudo sobre o status das mulheres numa comunidade de pescadores*. Brasília, dissertação, UnB.

1993 “Trabalhadeiras” e “Camarados”. *Relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica*. Belém, CFCH/UFPA.

1999 “Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil”. *Etnográfica*, vol. III (2): 377-399.

PEIRANO, Marisa

1995 *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

ROSALDO, Michele

1995 “O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural”. *Horizontes Antropológicos*, ano 1, n.1: 11-36.

STRATHERN, Marilyn

2014 *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo, Cosac Naify.

WAGNER, Roy

1981[1975] *The invention of culture*. Chicago, The Chicago University Press.

2010[1975] *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosac Naify.

WOLF, Eric

2003 “Antropologia e poder”. In FELDMAN-BIANCO, Bela e LINS RIBEIRO, Gustavo (orgs.). *Antropologia e Poder: Contribuições de Eric Wolf*. Brasília, EUNB.

WOORTMANN, Ellen

2007 “Cambios de tiempo y espacio/cambios sociales, bajo el impacto de la modernización”. *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n. 2.

In the footsteps of Gioconda Mussolini, the construction of an ethnography about invisibility and fisherwomen

ABSTRACT: In this article, my purpose is to think about the process of creation of my field itself of inquiry in which I looked to investigate the fisherwomen's invisibility. I was inspired in Gioconda Mussolini, which remained invisibly for much time, however which is in the undeniable form the precursor of the studies on fishing in Brazil. Gioconda Mussolini inspires me doubly, for the invisibility itself in which it remained and that came to the surface with the inquiry of Ciacchi and for the form as it left us a pioneer ethnography about the fishing.

KEYWORDS: Gioconda Mussolini, Ethnography, Fishing, Fisherwomen, Invisibility.

Recebido em setembro de 2015. Aceito em outubro de 2015.